

CACO, QUERIDO! DEAR, CACO!

Vera Sommer*

Espero que estejas muito bem, tanto de saúde e de ânimo, quanto de amores! Então, esta carta é uma singela demonstração de afeto, carinho e gratidão pela tua dedicação aos próximos de ti, como eu, ao longo dos anos... Nos conhecemos desde... Lembras quando nos conhecemos? Foi nos idos anos 90. Sim, faz tempo. Ambos trabalhávamos no *Diário Catarinense*. Eras subeditor de Economia – sob o comando do Acari (não lembro mais se esse era o nome ou o sobrenome dele), famoso pelo seu cachimbo... Enquanto eu, recém-chegada do solo gaúcho, era repórter de Geral.

À época, a sede do jornal, que era diário, ficava em Itaguaçu, área continental de Florianópolis. Nosso editor-chefe era o Figuei (Luiz Figueredo), com quem tinha trabalhado no *Correio do Povo*, em Porto Alegre (RS), a primeira redação informatizada do país. Embora fôssemos colegas de profissão e de empresa, não foi o jornalismo que nos aproximou, mas nossa paixão pelo alemão. O idioma, é claro.

“Wir haben immer auf Deutsch ein biessen geredet”. Mesmo com diálogos curtos e apressados, compartilhávamos nossa teimosia de compreender e falar a língua de Goethe, cujos poemas recitavas nos intervalos entre a produção de uma matéria e a edição de outra. Muitas vezes saíamos das salas de trabalho para juntos gargalharmos pela rampa do DC. Aliás, éramos muito singulares: dois seres minúsculos, fisicamente falando, mas cheios de bocas e sorrisos. Barulhentos e inconfundíveis! Melhor dizendo: ainda somos os mesmos, não é? Apenas mais experientes e ainda mais desavergonhados!

Lembras daquela matéria que fiz sobre a Índia, em que tu e o Mário Xavier foram minhas principais fontes? Aventuras e desventuras que vocês contaram ainda estão na minha memória. Divertiram-me demais, mesmo nos momentos de maior perrengue naquele país de uma cultura tão diversa da nossa... Imagina, a gente, jornalistas, não tinha o Google para pesquisar e encontrar informações sobre qualquer tema que fosse, tínhamos que obter dados com pessoas que tinham viajado para lá. O maior empenho era produzir uma reportagem ou um perfil... Muito diferente de hoje em que parte das informações obtidas pelos repórteres está a alguns cliques.

Bom, quase uma década depois, nos reencontramos na Unisul, de Palhoça. Eu como parte do corpo docente do Curso de Publicidade e Propaganda, e tu, coordenador do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem, com a Solange (Galo) e o (Laudelino) Sardá - com quem também costumávamos rir muito. Chegávamos a chorar de tanto gargalhar...

* Professora da Universidade do Vale do Itajaí (Univali). Doutora em Ciências da Linguagem pela Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul). E-mail: verasomer@yahoo.com.br.

Aqui vale um registro à parte. O Sardá já era, naquela fase do *Diário Catarinense*, um ótimo parceiro por causa do seu humor ácido e contagiante. Nada podia ser mais revigorante do que, ao final da tarde, na pauleira de fechamento na redação, às vésperas da entrega das páginas do jornal, encontrarmos o articulista e falarmos “bobiças”. Era bom demais... Desestressante!

Em 2012, Caco e eu tivemos um novo encontro. Desta vez, no Doutorado do programa de pós, agora sob a tutela da Solange. Pedi tua ajuda na elaboração do projeto de pesquisa – era sobre fotografia de revista, nada a ver. Passei nas provas e ficastes de me orientar a tese. Antes, porém, fostes meu professor de Estética. Muito exigente, obrigavas a gente a ler todas, todas as indicações bibliográficas da disciplina de uma semana para a outra. E sem chance de chorar por mais prazo, mesmo sendo uma pessoa próxima tua, amiga.

Numa das aulas, lemos a análise de Diana Klinger sobre produção literária autobiográfica, em que comentava a obra literária do brasileiro Bernardo Carvalho. Curiosa e apressada, comprei a versão pocket do “Nove noites”, única disponível na livraria de Itajaí. Li numa sentada, como se diz. Fiquei entre chocada e instigada, e logo depois comentei contigo minhas primeiras impressões. Acabei lendo outras obras de Bernardo Carvalho, escritor que, por sinal, virou minha obsessão e, por fim ou por isso mesmo, meu objeto de estudo na tese de doutorado.

Mas não só de Bernardo Carvalho viveu essa doutoranda orientada por Caco. Fostes incansável na indicação de outros escritores “fora da caixa”, tais como Mário Bellatin, Juan José Saer, César Aira, Luiz Ruffato, Paloma Vidal, entre tantos outros. E Georges Didi-Huberman??? Que obra maravilhosa que nos apresentastes, Caco! Estudamos mais a fundo *Sobrevivência dos vaga-lumes* e ficamos todos, teus alunos naquele semestre, empolgadíssimos. Pena que faltava tempo para estudá-los... Também pudera, tinha casa, marido, dois filhos e cachorro, e ainda dava aula de segunda a sexta e, às vezes, no sábado, na graduação de Jornalismo da Univali em Itajaí. Reconheço que aproveitei pouco esse rico universo acadêmico. Os limites físicos eram mais fortes do que a vontade de estudar. Enfim, fiz o possível!

Recordas da oficina com a professora argentina Florencia (Garramuño)? Foi uma das experiências mais impactantes na minha vida de doutoranda na Unisul. Os conhecimentos dela foram um estímulo extra para a minha tese. Fostes tu quem a convidastes (obrigada!) e o meu artigo sobre o Bernardo Carvalho, a partir dos estudos da Garramuño (da obra *Frutos estranhos*) e da Natalia Brizuela (o livro *Depois da fotografia*), realmente me auxiliaram a prosseguir na pesquisa. Sem falar no teu conselho de procurar um analista. Sem a psicanálise, tenho certeza hoje, de que não conseguiria terminar o doutorado. Inúmeras vezes decidi parar com tudo, de tão esgotada que estava. Sem o teu apoio, bem como o da Ana Carolina (Cernicchiaro) e o da Dilma (Juliano), teria jogado tudo para o alto e desistido da tese. Vocês, tu, Ana e Dilma, foram fundamentais na conclusão dessa jornada, e agradeço muitíssimo!

Entretanto, apesar dessa fase difícil, amarrada e estressante, as tardes de orientação na sala de estudos do programa sempre acabavam deixando tudo mais leve. Conversávamos sobre nossas vidas, nossos amores e nossos novos projetos. Tu apaixonado por uma alemoa, da Alemanha mesmo, e eu, pelo meu polaco. Assim, entre

trancos, barrancos, desabafos, choros, mas também boas gargalhadas, a defesa aconteceu em agosto de 2017. Ufa, batalha vencida!

Por isso e por tudo o mais, Caco, “muito obrigada”. Obrigada pela parceria, pela paciência, pelo carinho e pela amizade ao longo desses anos todos. Obrigada, de coração, por partilhares, além da sabedoria acadêmica, teu amor à música, à poesia, à língua alemã e, principalmente, à vida.

“Nochmals **vielen Dank** für deine Gastfreundschaft. Auf Wiedersehen!”

Abraços fraternos de Vera(inha) Sommer (Zoma)

Itajaí, setembro de 2020.



Este texto está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.